

HOMO ECONOMICUS E O ESCOLAR DA MODERNIDADE ATUAL: FOUCAULT NA CRÍTICA DA DIALÉTICA NEOLIBERAL

Antonio Henrique Rosa

RESUMO

O artigo busca analisar o homo economicus e seu ideário formativo e nesta esfera o ideal do escolar vem sofrendo mudanças profundas em sua forma tradicional clássica tanto em forma física quanto em seus aspectos pedagógicos. Pretendemos mostrar a construção destas características do homem moderno, bem como sua visão de mundo. Então, buscaremos analisar o escolar neoliberal e seus objetivos gerais. Discutiremos, assim, essa ideia, tentando mostrar que o escolar atual, foi levado a uma forma de empresa empreendedora de mão de obra. Se após a revolução industrial o objetivo do escolar foi a inserção ao trabalho, hoje, pelo fato do trabalho estar em vias de acabar - pela força do virtual -, o papel do escolar é o de empreendedor do aprender a aprender sozinho e nada mais.

Palavras Chaves: Foucault, Escolar, Homo economicus, Neoliberalismo.

ABSTRACT: The article seeks to analyze the homo economicus and its formative ideology and in this sphere the ideal of the school has undergone profound changes in its traditional classical form both in physical form and in its pedagogical aspects. We intend to show the construction of these characteristics of modern man, as well as his worldview. Then, we will seek to analyze the neoliberal school and its general objectives. We will thus discuss this idea, trying to show that the current schoolchild was taken to a form of entrepreneurial labor enterprise. If, after the industrial revolution, the student's objective was the insertion into work, today, due to the fact that work is about to end - by the force of the virtual -, the student's role is that of entrepreneur of learning to learn alone and nothing more.

Keywords: Foucault, Scholar, Homo economicus, Neoliberalism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Quando olhamos de longe, no tocante a política, - e aqui nos referimos a dialética econômica do conviver neoliberalista - passamos a compreender melhor determinados fatos e por tal, os acontecimentos que hora unem-se, outra dividem, em imagens unifocais. Assim, propomos analisar o homem na atualidade contemporânea buscando um olhar longo que nos leva a entender esta construção da historicidade. No lócus, Foucault, viveu e experienciou as demandas e contradições do século XX, se angustiou com as irracionalidades intrincadas da realidade do homem neoliberal.

Assim, em seu *homo economicus*, extraído de sua biopolítica, nos leva a evidenciar - por conseguinte entender - esse homem que se fundiu ao sistema financeiro e por tal, perdeu sua liberdade e já não consegue perceber outras formas de existência a não ser a do consumo irrefreável. Então, Foucault, (2017) em *O Nascimento da Biopolítica*, explica que:

a liberdade é algo que se fabrica a cada instante. O liberalismo não é o que aceita a liberdade. O liberalismo é o que se propõe fabricá-la a cada instante, suscitá-la e produzi-la com, bem entendido, todo o conjunto de injunções, de problemas de custo que essa fabricação levanta (p. 88).

Para o escolar atual esta problemática de falta de liberdade parece cada vez mais engendradora com o objetivo que é o de levar o escolar a uma assujeitamento implacável dos sujeitos para que ele não possa exercer nas vidas dos indivíduos a ação de transformar. Não buscamos uma identificação completa com os conceitos foucaultianos, no que concerne a interpretação do homem na atualidade, todavia pretendemos uma atividade de leitura reflexiva sobre seu conceito - *homo economicus* - para talvez trazer a luz, os objetivos do escolar no que concerne a interpretação do homem neoliberal. No tocante, Foucault, e suas reflexões do homem na atualidade, têm-se convertido em farol, na interpretação dessa dinâmica de submissão dos indivíduos e de sua total uniabrangência pela economia, e aí podemos encaixar também os objetivos do escolar. Este submetimento do humano, - e por ilação também o escolar - ao mercadológico e sua economia, na atualidade tem ganhado dimensões extraordinárias, e por tal, está conduzindo o homem, a uma única maneira de encarar seu mundo, no que tange a interpretação de sua subjetividade. Assim, as demandas, objetivos e visões causadas por essa onipresença do econômico mercadológico cerca as vidas dos indivíduos impossibilitando-os de enxergar outras possíveis subjetivações da realidade.

Nisto, temos que levar em conta que essa tipificação de homem da modernidade atual, assim como antes, o homem moderno, surgiu pelo clamor de uma sociedade industrial sedenta que precisava se organizar - biopoder e biopolítica - para levar a cabo sua revolução liberal e posteriormente neoliberal. Na mente desses indivíduos, o passado não mais oferece uma constatação segura de interpretação de mundo, logo, eles passam a desconsiderá-lo por completo e assim buscam refazer o presente sem o patrimônio cultural antes levantado.

Há, que se ater aqui, que esses indivíduos são levados a construir sua subjetivação de realidade cercados pelo desejo irrefreado por consumir, este fato, tem os levado, cada vez mais, a ilusões de empreendedorismo, e de uma auto aprendizagem, e

por tal tem arrastado os objetivos do escolar a esta finalidade. Logo, o escolar tem sido levado a jogar nas costas dos iniciados - isto é, dos alunos - toda carga de sua aprendizagem sob a premissa do aprender-a-aprender, que por tal, passa a desconsiderar fatores como a historicidade e o patrimônio cultural que os antecede. Isto é, uma espécie de *Sísifo* neoliberal de sua auto aprendizagem.

Então, o filósofo Albert Camus (1989), na obra *O Mito de Sísifo*, nos conta a cruel história deste ser mitológico, e seu destino assustador:

os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança (p. 161).

Independente das interpretações adjacentes deste mito, pretendemos nos ater ao fato do fardo extenuante e sem sentido do aprender a aprender sozinho aos quais têm sido impostos aos iniciados, isto é, um iniciante - criança ou adolescente - no mundo político que ainda não possui as características do mundo público mas é obrigado a entendê-lo - sem nunca ter experienciado - e buscar entender situações e conceitos sozinhos.

Nisso, Andrade & Silva (2017), em artigo, acrescenta a importância dos conceitos Foucaultiano para os estudos culturais e que estes têm permitido uma compreensão acerca da educação levando a visualizar os ideais governistas na contemporaneidade. Assim, eles se valem de pesquisas bibliográficas para problematizar as “pedagogias culturais como constituidoras dos sujeitos contemporâneos a partir do ethos do neoliberalismo” (p. 01). Para a pesquisa eles analisaram peças publicitárias na revista *Veja* durante os meses de junho e julho de 2017. Pelos tais, perceberam que as propagandas constituem modos operantes de educabilidade atuando na subjetividade humana e exigem que estes sujeitos se tornem empreendedores de si.

Dos trabalhos recentes, acerca de Foucault, também encontramos o de Aquino (2017) que configura uma análise da difusão do pensamento de Foucault na literatura educacional no Brasil. Para tal, ele buscou analisar duas frentes escriturais: livros e artigos em 15 periódicos, entre os anos 1990 e 2012. Na segunda frente ele selecionou 132 artigos que traziam as teorias de Foucault como foco. Todo este trabalho bibliográfico foi analisado dentro da cronologia histórica, bem como as obras de maior referência foucaultianas.

Já Michetti (2019), em artigo, explora a matriz simbólica que caracteriza um programa de “Educação Integral” de ideário empresarial, que hoje se espalha no país por meio de organizações sem fins lucrativos ligadas ao universo corporativo, e por tal mantém “parceria” com distintas instâncias estatais. Segundo Michetti, tais formas de educação foram implantadas com objetivo específico e valores que liga o sujeito, que por elas passa, aos valores próprios do homo economicus bem sucedido. Assim, ainda segundo a autora, passa a se delegar um “papel pedagógico” no que os agentes entendem como uma reforma das disposições à ação de estudantes da rede pública. Nisto, ela ainda acrescenta que a pedagogia do homo economicus, está assentada na noção de “projeto de vida”, e traz sempre elementos para mostrar “filantropia corporativa” na esfera do eixo da “educação integral” em expansão. Logo, esclarece a autora, a concentração econômica, política, social e simbólica dos grupos dominantes faz com que transformem iniciativas em políticas públicas nacionais, e assim, buscam construir uma educação pública de vontade racionalmente executada, escamoteando as contradições sociais, bem como, os objetivos escusos de tais atos. Pelo fato, ela conclui, que o homo economicus, é um ser histórico e marca as dinâmicas de classes as quais está inserido.

Conforme as principais vias estudadas sobre Foucault, é notória a escassez de seu homo economicus aplicados aos objetivos do escolar. É nesse ponto que este artigo se desdobra, focando os objetivos do escolar no mundo neoliberal. Essa condição do nosso olhar analítico verificou desdobramentos pouco ou precariamente vislumbrados em estudos anteriores, o que justifica o parâmetro de nossa abordagem, bem como seu quase ineditismo. Aqui, o campo metodológico bibliográfico nos auxiliou em demasia, uma vez que nos deu a circunstância de identificação e análise de estudos anteriores. Conforme os desdobramentos bibliográficos se efetivaram, vimos que as perspectivas exploratórias se encadearam, apoiando-nos no levantamento bibliográfico.

Nisto, a via de campo exploratória

[...] tem como finalidade proporcionar maiores informações sobre determinado assunto, facilitar a delimitação de um tema de trabalho. Normalmente constitui a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Desenvolve-se com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado. É realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. A pesquisa exploratória permite definir objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa mais ampla, descobrir novo enfoque para o tema, avaliar a possibilidade de se desenvolver uma boa pesquisa sobre determinado tema. Envolve, habitualmente, levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso (PEREIRA, 2018, p. 18).

Nesse entendimento, nos propusemos a revolver aspectos centrais em Foucault (2008), e seu *homo economicus*, para pensá-lo no campo dos objetivos e finalidades do escolar dentro da esfera do neoliberalismo atual. Acreditamos que nosso norte contribuirá para mais análises futuras, já que, nem de longe, pretendemos esgotar a temática aqui ilustrada. Objetivamos, oferecer uma exploração teórica do homem na modernidade atual baseada em Foucault e qual seria sua visão de escolar. Nisto, nos perguntamos, quem é esse *homo economicus*? Como ele se estabelece? qual seria a finalidade do escolar para o *homo economicus*? Então, num primeiro momento, vamos analisar o *homo economicus*, e em um segundo, nos desdobramos no ideário de escolar - princípios e finalidades - desta característica humana atual. Assim se instala nosso âmbito de pesquisa e questionamentos primários sobre a temática.

O HOMO ECONOMICUS EM FOUCAULT

A tipificação descrita por Foucault como *homo economicus* vai ser empregada no curso “*O nascimento da biopolítica (1978-79)*” para evidenciar o conceito de sujeito que está em declínio desde o início do liberalismo, pós Segunda Guerra Mundial. Logo, Soler & Maurício (2019) diz, que para Foucault, o homem pós guerra, passou a buscar uma forma de se libertar do totalitarismo por meio de uma [...]“governamentalidade neoliberal [que] criou uma série de dispositivos dentre os quais destaca-se o desdobramento da biopolítica”(p. 37) que fixou, nos interesses e escolhas do consumo, a redução completa do existir humano, onde “a política torna-se duramente contaminada pelos agenciamentos de um mercado” (p. 37) e passa sobrepor essa forma de governamentalidade sobre a esfera social, capturando a subjetivação racional dos sujeitos em prol de uma lógica empreendedora. Por diante, Foucault (2012) acrescenta que:

[...] é aí, nessa espécie de reviravolta que, para os ordoliberais, só foi possível a partir da análise que fizeram do nazismo, é a partir daí que eles puderam efetivamente em 1948, tentar resolver o problema que lhes havia sido proposto, a saber: um Estado que não existe, um Estado que é preciso conseguir legitimar, um Estado que é preciso tornar aceitável aos olhos dos que dele mais desconfiam. Pois bem, estabelecemos a liberdade de mercado e teremos um mecanismo que, ao mesmo tempo, fundará o Estado e controlando-o, dará a todos os que têm alguma razão de desconfiar dele as garantias que pedem (p. 159).

Então, temos que partir da premissa de que, para este pensador francês, o sujeito neoliberal é produto de um resultado do conjunto de técnicas de poder. Assim, para ele, os homens, filhos da modernidade do neoliberalismo, vivem governamentalizado e numa angústia sem fim: sua subjetividade interior foi arrancada, e colocou no lugar apenas o consumir. Nisto, seu ser existencial está afogado “no oceano de consumo” que o cerca. Então, Foucault (2008) nos indaga

[...] Em que medida é legítimo e em que medida é fecundo aplicar a grade, o esquema e o modelo do homo oeconomicus a todo ator não só econômico, mas social em geral, na medida por exemplo em que ele se casa, na medida em que comete um crime, na medida em que cria seus filhos, na medida em que dá afeto e passa tempo com os filhos? Validade, portanto, da aplicabilidade dessa grade do homo oeconomicus”(p. 366).

Como percebemos acima, o homo economicus é o sujeito criado pelo dia-a-dia do neoliberalismo. Então, para Foucault, essa característica humana da atualidade se integra a tudo com o interesse finito do lucro dentro da mecânica do capital. Assim, tudo no mundo, para este sujeito, das coisas simples, às mais complexas, se reduz a não opção, “limitador regressivo na análise”, como disse o pesquisador francês. Sendo assim, este sujeito não consegue pensar “fora da caixinha” dos interesses econômicos. Foucault percebe que, com a abrangência do neoliberalismo, o homo economicus vai ser deslocado, logo o homo economicus clássico seguia à risca as leis da troca e do intercâmbio comercial, pois ele possui uma noção utilitária que não se desprende das demandas da necessidade.

Contudo, já o homo economicus neoliberal entende-se como empresário de si, um empreendedor. Trata-se, portanto, de um sujeito, figurando como “o homem da competição e do desempenho. O empreendedor de si é um ser feito ‘para ganhar’, ser ‘bem sucedido’” (DARDOT & LAVAL, 2017, p. 353). Isso ocorre porque, embora não seja o dono dos meios de produção, se obriga a carregá-los consigo - através de capacitações e investimentos em si - as habilidades como um totem sagrado do mercadológico na esperança de uma futura ascensão ao capital, isto é, ao aumento de seu capital econômico. Logo, ele deixa para trás as necessidades vitais e integra-se às de consumo e consumidor, isto é, ele se transforma em um produto mercadológico. Ora, temos que entender que esse sujeito se converte em um personagem conceitual - homo economicus -, dizendo diferente, filho do contexto histórico em que vive, então suas interpretações da realidade são uma massa de subjetividade que dialeticamente se estrutura na economia. Por diante, Foucault tenta responder como essa subjetividade vai

se construir e se tornar o que é, em outras palavras, como essas subjetividades são produzidas.

Foucault entende que essa tipificação de homo economicus lança nas costas do sujeito toda responsabilidade de sua existência, desconsiderando fatores históricos e culturais adjacentes. Ora, podemos afirmar, sem medo de equívocos, que o homem da modernidade atual, denominado por Foucault de homo economicus, é lançado a uma espécie de “*Sísifo*” do neoliberalismo de sua existência, e assim herdou esse castigo dos deuses e vive irracionalmente - pois não o concebe de outra forma - a cumpri-lo como um sujeito escravizado - ou homo economicus - está acorrentado à eternidade de uma tipologia da necessidade do “comprar”.

Ademais, temos que entender que ideologia de liberdade de escolha é a alma do neoliberalismo, contudo, essa escolha nunca é livre pois ela foi deliberada pelo sistema econômico. Além disso, há uma malha no sistema onde essas ditas “escolhas” se liga a ideia do produto e por diante serão propagadas pela mídia e o mercado e assim se estabelece uma construção ideológica de necessidade e então o homo economicus passa a “escolher”, em outras palavras, a adquirir produtos que não é necessário, mas, modais. E nessa liberdade de escolha também está contida a idéia de estratificação social, isto é, o homo economicus adquire um automóvel não mais para sua simples locomoção mas, também - e principalmente - pela ideia que está contida nele, de símbolo social que ele representa, e por tal, o diferencia perante seus iguais. Ademais, quando homo economicus adquire um produto, necessariamente não é o produto que ele está consumindo, mas, a ideia que este produto representa - liberdade, juventude, felicidade, poder, riqueza - perante seus iguais, e nisto, se enquadra numa forma de governamentalidade.

Talvez uma maneira mais simples de entendermos esta forma de governamentalidade - isto é, de governar as mentes dos sujeitos - seja perceber os três pilares mais comuns que sustentam esta estrutura - neoliberal do homo economicus -, que se estabelece a partir da **falsa necessidade**, que por sua vez se liga na **falsa liberdade**, e por fim, se consolida no ideário de **falsa escolha**, pois bem, aí estão as três características que vão moldar o homo economicus. Então, nos vem à mente, como forma de exemplificação, a aquisição de um aparelho celular, Logo, o homo economicus não busca um aparelho celular somente, ele quer um símbolo de sua “vitória” - de seu empreendedorismo - por diante, a **falsa necessidade** se estabelece, seguindo-se em paralelo a **falsa liberdade** de comprar que, por sua vez, se concretiza na

falsa escolha, do celular Iphone. Uma vez que, a partir da compra do primeiro, o sujeito se vê obrigado a trocá-lo de tempos em tempos - escravo da marca - , pelo simples motivo dele não mais ser atualizado.

Ora, é evidente que esta atualização é uma forma de obrigar o consumidor a adquirir o produto por tempo indeterminado - isto é, uma vez consumidor, nunca se consegue sair da marca, convertendo-se em características e estatísticas. Com isso, seu trabalho converte-se em um simples ato futuro, que é o de consumir, e assim eternamente reinicia-se. Diante disso, as perspectivas, os horizontes, a humanidade e a liberdade dos sujeitos passam a não mais existir, visto que ele está vinculado à montanha do mercado, já que se encontra obrigado à subida do “monólito a acumular” sobre a mesma montanha. Sobre isso, Foucault (1994c,) pondera que:

O Ocidente não teria podido alcançar os resultados econômicos e culturais que lhe são próprios, sem o exercício dessa forma particular de racionalidade. Ora, como dissociar essa racionalidade dos mecanismos, dos procedimentos, das técnicas, dos efeitos do poder que a acompanham e que nós mal suportamos designando-as como a forma de opressão típica das sociedades capitalistas e talvez também de sociedades socialistas? Não se poderia concluir que a promessa da *Aufklärung* [iluminação racional] de atingir a liberdade pelo exercício da razão é, ao contrário, eliminada em uma dominação da razão mesma, a qual usurpa cada vez mais o lugar da liberdade? (p. 73).

Mas, o que vem a ser a liberdade para o homo economicus? No tocante ao neoliberalismo, essa pergunta tem que ser refeita. Como ela é acionada entre os sujeitos? Ou ainda melhor: Ela seria uma ação fabricada? Uma invenção? A resposta para essas indagações seria sim! A liberdade, para o homo economicus, teria um endereço fixo, em outras palavras seria um conceito inventado e propagado com um objetivo precípua de consumir. Esta tipificação humana só caminha na medida em que seus interesses particulares circulam e se conjugam no funcionamento da autonomia na escolha de produtos e no comprar. Assim,

[...] através de diversas tecnologias (trata-se de produção com fins econômicos, de instituições com fins de regulação social, de técnicas de comunicação): as disciplinas coletivas e individuais, os procedimentos de normalização exercidos em nome do poder do Estado, das exigências da sociedade ou de setores da população, são os exemplos. (FOUCAULT, 1994b, p. 576).

A liberdade aqui não constitui-se de um modo de circulação. Não é um patrimônio íntimo, mas um jeito de circular das coisas - desejo, necessidades, sonhos, corpos, afetos, fé, produtos industrializados, sexo Nisso Foucault adverte, em *O nascimento da Biopolítica*, que “a nova razão governamental necessita portanto de liberdade, a nova arte governamental consome liberdade”(p. 86). Quanto mais circulação, mais independência. Entretanto, seria cômico, se não fosse trágico.

Como filho do neoliberalismo, somos consumidores ferrenhos de conceitos abstratos e modelos ideais. Logo, somos convencidos por anúncios midiaticizados, ou não, atraídos como moscas para a luz, para a máxima “Ser livres!”. Assim, passamos pelas ruas das cidades ouvindo microfones chamarem “venham para Igreja, sejam livres, seja um fiel; pois só Jesus salva!” Outro fato corriqueiro é o exemplo das propagandas da Coca Cola, que não vendem o produto, entretanto vendem o ideal, isto é, beleza, juventude, liberdade, etc. “É necessário, de um lado, produzir a liberdade, mas esse gesto mesmo implica que, de outro lado, se estabeleçam limitações, controles, coerções, obrigações apoiadas em ameaças, etc” (FOUCAULT, 2008, p. 87).

Para Foucault, a arte de governamentalizar - escravizar - perpassa pela noção de que o sujeito é livre e se alimenta de liberdade. Logo, este sujeito, que chega ao mercado como trabalhador, já foi domado pelos dispositivos de segurança, instâncias disciplinares e condução pastoral. Trata-se de um sujeito impotente que anseia a liberdade, e esta nunca se solidifica - tornando-se “real” apenas - em suas possíveis escolhas do comprar. Sua libido de liberdade já é inoperante, inofensiva. Nisto, Leal (2015) explica que na estratégia da mecânica de interesses o homo economicus

fez uso para alcançar a satisfação de algum de seus desejos. Esse modo de ação depende-se da maneira como o liberalismo avaliou e compreendeu o ser humano enquanto naturalmente econômico, corroborando a ideia de que para agir, todo indivíduo se utiliza dessa lógica econômica de ação. Em outras palavras, a partir da ideia de que a vida humana atua naturalmente através do agir econômico, o liberalismo alimentou a reprodução dessa individualidade autointeressada em que sua ação parte de uma avaliação econômica do seu agir. Os diversos mecanismos disciplinares que atuam na biopolítica a fim de garantir indivíduos dóceis e produtivos fabricam, portanto, esse tipo de individualidade fundamentalmente econômica. Suas próprias liberdades, por sua vez, são fabricações para dar suporte à existência desse tipo de individualidade (p.132).

O que se deseja já não mais oferece perigo para o sistema, pelo contrário seus desejos são parte desse sistema, isto é, o impulsionam. Nisto, está aparente que vivemos uma condenação, em outras palavras, somos condenados à liberdade sísfica. Logo, somos livres para rolar a pedra montanha acima, sonhando com o ideal de chegarmos ao fim, contudo essa pedra voltará ao seu local de partida ao fim do dia, para que possamos, mais uma vez, exercermos nossa liberdade condenada, ineficaz e submissa.

Logo, o mundo do homo economicus fez, do sujeito atual, um *Sísifo*. Tudo que o cerca: educação, realidade, subjetivação, religião e vida converteu-se em um monólito do ideário mercadológico, então este ser atual foi convertido em um escravo irracional dos desejos, e, por tal, é obrigado a empurrar montanha acima o consumir de novidades

- sem necessariamente delas necessitarem - que cresce irrefreável e vende, ao mesmo tempo, a visão de vida digna e feliz atrelada sempre a um eterno inovar-se. Ora, na atualidade, é evidente acreditar que o mercadológico - e seus valores - aparelhou toda subjetividade humana das irrelevantes até as mais significativas, e assim a própria noção de democracia foi abalada, por força desse unidimensionalismo, que tem sufocado, dia a dia, as liberdades do mundo público, em prol de um mercado privatizante sedento e insaciável. Neste ponto, os foucaultianos Dardot & Laval (2017), em *A Nova Razão do Mundo*, nos esclarecem que:

O que está em jogo nesses exemplos é a construção de uma subjetividade, o que chamamos de ‘subjetivação contábil e financeira’, que nada mais é do que a forma mais bem-acabada de subjetivação capitalista. Trata-se, na verdade, de produzir uma relação do sujeito individual com ele mesmo que seja homóloga à relação do capital com ele mesmo ou, mais precisamente, uma relação do sujeito com ele mesmo como um ‘capital humano’ que deve crescer indefinidamente, isto é, um valor que deve valorizar-se cada vez mais (p. 31).

Nisto, o sujeito homo economicus é um empresário *Sísifo* do neoliberalismo, vez que possui elevado padrão de consumo, sendo amante dos riscos do empreendedorismo privado, individualista e cheio de ambições, além de amar ser livre e crítico voraz da coisa pública. Pois, foi impulsionado desde cedo - e aqui se encaixam os objetivos do escolar - a um empreendedor, a ter uma rotina saudável e, para tal, ele deve frequentar a academia, com objetivo de manter sua aparência de conquistador. Ora, este sujeito deve ser um empresário “dono de si mesmo”, e assim gastar irrefreavelmente em seu visual e em tudo mais que o cerca. Ele deve ser ensinado que “tempo é dinheiro” e assim possuir uma vida sem tempo. Buscar incessantemente resultados excepcionais, o que, em outras palavras, significa desenvolver habilidades que o permitam obter metas excepcionais, e por tal tem que aprender a aprender, sendo diferente e inovador na conquista de seus desempenhos. Ele é a casca do sujeito neoliberal, isto é, um assujeitado que perdeu a subjetividade, se submetendo a um poder da governamentalidade policial. Nisto, o termo governamentalidade vai aparecer em aula no *Collège de France* (1977-1978), onde Foucault (2008) divide em três definições a palavra governamentalidade. Assim, ele diz que é

[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por objetivo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros –

soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por “governamentalidade”, creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco “governamentalizado” (p. 143 - 144).

Então, essa tipificação Sisífica neoliberal se lança a rolar o monólito ideológico privado da meritocracia, todos os dias, para, no final do dia, a pedra voltar ao rotineiro lugar do mesmo, impreterivelmente. Pois, ele ganhou muito aquele dia, porém, no próximo, tem que ganhar novamente, superando a si mesmo. Assim, essa característica humana atual triunfa, como tipificações da subjetividade na atualidade, e nisso nós somos ele, e, se não formos,- pela unidimensionalidade econômica - sonhamos no íntimo de nossos desejos mais escondidos em o ser. O homem moderno não consegue enxergar de outra forma que não essa. E, caso ele não a siga, religiosamente, tornar-se-á um pária do processo. O homo economicus comprou nossa liberdade e a produz, a organiza e depois, a vende, a nós, como forma de um ideal que se liga ao eterno consumir. Em outras palavras, a utiliza como forma ideológica. Com isso, ele passa a fazer as gestões sobre nossa liberdade, promovendo limites e nos fazendo sonhar com as possibilidades do consumir. Logo,

Essa liberdade, ao mesmo tempo ideológica e técnica de governo, essa liberdade deve ser compreendida no interior das mutações e transformações das tecnologias de poder. E, de uma maneira mais precisa e particular, a liberdade nada mais é que o correlativo da implantação dos dispositivos de segurança [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 63).

O homo economicus é, antes de tudo, um tecnocrata do poder e da regulamentação do livre. A governamentalidade sugou sua noção de livre e de liberdade, então ele passa a perambular procurando o que nunca teve, compra trechos tecnológicos mais avançados, parcelando até a sua alma, ele é um investidor de si mesmo. Ou seja, o homo economicus não sabe o que a palavra liberdade significa, logo ele foi enganado e não consegue perceber que ser livre representa algo muito além do que uma simples escolha de compra de um objeto, isto é, um sujeito capturado pelo poder e sua microfísica. Todavia, ele clama por liberdade, precisa dela, e assim, age como ideia de poder regulador. Desse modo, Foucault (1994a) explica que o

[...] poder, por seus mecanismos, é infinito (o que não quer dizer que ele é todo poderoso, muito pelo contrário). Para limitá-lo, às regras não são nunca bastante rigorosas; para liberá-lo de todas as ocasiões de que ele se apodera, nunca os princípios universais são muito rigorosos. Ao poder é preciso sempre opor as leis intransponíveis e os direitos sem restrições (p. 794).

Entretanto, frequentemente, a ideia de liberdade é questionada e reorganizada. O homo economicus não sabe o que significa ser livre nos dias atuais, pois ele já nasceu escravo - das necessidades e do consumir - e por tal nunca a sentiu de fato. Ele pode ser o que quiser, desde que, possibilite ter lucro. Traduzindo, é um jogo de cartas marcadas, em que o jogador jamais ganha. A liberdade, para o neoliberalismo, portanto, trata-se de uma ilusão construída.

No fato, Camus (1989) nos adverte que “[...] há várias maneiras de suicidar-se, uma das quais é a doação total e o esquecimento da própria pessoa” (p. 86). Assim, percebemos que o neoliberalismo tem levado o homem a um suicídio coletivo, no que tange à racionalidade. Então, ele perdeu o sentido de sua liberdade e o escolar, para este sujeito, não serve mais ao sentido de racionalidade libertador, inerente a ele, e passa ser agora - para ele - ao simples fato da empregabilidade e seu empreendedorismo. Contudo, há no homem - assim como em *Sísifo* - uma vontade adjacente em compreender o porquê está a fazer o que faz rotineiramente, mas a rotina logo o leva a esquecer e mergulhar na lógica do mercado, isto é, pertence ao homem um questionar existencial que ele não pode abrir mão.

O ESCOLAR DO HOMO ECONOMICUS

O escolar, na análise foucaultiana, durante esses trezentos e poucos anos de revolução industrial foi usado como uma ferramenta - para adestramento e controle dos corpos -, através das mais variadas formas capacitivas do sujeito, nisto, este espaço tem usado das mais variadas formas de poder para forjar estes corpos ao modelo desejado pelo mercado. Logo, as relações de poder, neste espaço, são uma normalidade do dia-a-dia pedagógico. Então, todo sujeito - criança, adolescente ou adulto - é levado a este espaço para se adestrar - moldar - sobre o pretexto da formação para um trabalho ou para uma profissão; exercendo uma complexa teia de influências sobre o indivíduo e a coletividade. Na questão, o quadro abaixo, evidencia os mecanismos de poder em que o escolar moderno tem usado para disciplinar os iniciados.

	Disciplina	Controle
Estratégias espaço-temporais	Confinamento e distribuição espacial Capitalização do tempo e controle da atividade	Conexão e dispersão espacial Tempo real e controle de fluxos informacionais
Operações	Vigilância hierárquica Sanção	Controle rizomático Imperativo

	normalizadora Exame	da conexão Perfil informático
Figura arquitetural	Panóptico (poucos vigiam muitos in loco)	Corpo-Rede (muitos controlam muitos on line)
Produção	Corpo dócil-exercitado	Corpo-digital flexível

Fonte: Veiga-Neto; Moraes

Logo, no ideário do homo economicus, que transforma tudo em valor econômico para obter lucro, este espaço torna-se de formação ou capacitação para o mundo da empregabilidade, o qual carrega a bandeira do levar ao empreendedorismo do aprender a aprender. Então, Foucault (2012) explica que

O homo oeconomicus é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o homo oeconomicus parceiro de troca por um homo oeconomicus empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo a fonte de renda (p. 310 - 311).

Assim, ao analisarmos o discurso do homo economicus hoje - sobre o escolar - que por sua vez é filho do neoliberalismo, vamos perceber uma luta deste contra o escolar tradicional libertador - público - para ele o escolar público, tornara-se um fracasso na medida que está ultrapassada e tem de ser reformulada para que esta se converta na cara do novo mercado, desvinculando-a de seu sentido primordial de formadora das demandas da esfera pública e, por conseguinte, do democrático. Então, Tomazi (2005) explica que as

[...] imagens da criança-rei, da empresa divinizada, do gerenciamento educativo, do estabelecimento descentralizado, do pedagogo não-diretivo, do avaliador científico e da família como consumidora de ensino passam a ter sentido no contexto do ideário que considera a educação um bem essencialmente privado cujo valor é antes de tudo econômico. Laval afirma que o novo ideal pedagógico [do homo economicus] é a formação de trabalhadores autônomos e indivíduos flexíveis, pois é disso que a sociedade globalizada necessita para crescer e progredir. Nesse sentido, as atividades escolares têm um custo e devem apresentar rendimento, porque a escola trabalha com uma mercadoria - a formação - igual às outras e que, de acordo com Claude Allegre, ex-ministro francês, se transformará no “[...] grande mercado do século XXI”[...]. Projetos de avaliação constante e aperfeiçoamento contínuo demonstram que o sistema educacional deve estar a serviço da competitividade econômica e estruturado como um mercado; para tanto, deve ser gerenciado como uma empresa (p. 176).

Assim, para o homo economicus, o escolar tem que possuir as características do mercado e fabricar empresários que sejam empreendedores e capazes de aprender sozinhos, para que estes possam criar empresas em um ciclo sem fim. Então, o escolar - em seus diferentes níveis - tem se vinculado, a cada dia mais, ao mercado do universo do privado, e aqui nos referimos ao modus inverso do público, “seja pela evolução das matrículas em universidades particulares, seja nos chamados cursos de especialização,

ou mesmo na crescente mudança no visual dos edifícios”(TOMAZI, 2005, p. 177). O escolar agora se converteu em um mercado em expansão e de demanda empreendedora.

O Homo economicus tem na máxima “a concorrência é a alma do negócio” e por tal, fez do escolar um espaço da biopolítica, em outras palavras, se antes o escolar estava vinculado ao domínio dos corpos - biopoder - hoje as modalidades deste poder se metamorfoseiam e assim precisou criar formas não visíveis de dominação que agora superam os corpos dos indivíduos e passam a dominar todo ideário de uma sociedade. O escolar, hoje, não precisa domar corpos para uma indústria, pois esta se modernizou e superou a mão de obra braçal pela força da tecnologia, deslocando o trabalhador a um ser sem trabalho. Daí, a necessidade de se criar formas, que não a de trabalhador da indústria, mas de empreendedor de si próprio, ou seja, fazer-se um empresário do próprio negócio. “No agora, o escolar, segundo os olhares do homo economicus, teria que ter sua finalidade existencial questionada pelo fato que não há mais, segundo essa tipificação escrava, o porquê libertar os sujeitos para o racional” (TOMAZI, 2005, p. 177).

Assim, o escolar, como instituição social, para o homo economicus, tem que seguir a tendência do mercado da tecnologia e superar a questão braçal, isto é, converter-se ao virtual e extrair dele todas as possibilidades de um convívio público que, através de sua demanda original, leva todos nele envolvidos a estarem convivendo presencialmente. Nisto, o pedagógico no escolar do homo economicus cria um apagamento da subjetividade do iniciado no mundo público e, por diante, um conformismo se estabelece no sujeito e retira dele a potencialidade de transformar sua realidade no tocante ao racional.

Ora, temos que lembrar que há somente dois tipos de sujeitos iniciados no escolar e que dele saem “formados”: O primeiro seria disciplinado - dócil -, pronto para obedecer as regras do mercado empresarial, este sujeito não contesta nada, simplesmente absorve as regras da economia e delas extrai sua vivência. Logo, este sujeito sairá do escolar empregado, pelo mercado; ou, o iniciado caracterizado pelo escolar do homo economicus como “delinquente”. Este último não se enquadrou ao sistema, então não será premiado com a empregabilidade. Assim, o primeiro será modelo de empreendedor e, o segundo, - o vagabundo, e delinquente ou louco - será absorvido pelo sistema presidiário. Esses não são absorvidos pelo mercado, logo são segregados e não trabalham, sem falar nos rótulos que adquirem pelo sistema, tanto no escolar quanto no empresarial. Diante disso, sua rebeldia deve ser punida, e assim

corrigida pelo escolar, e depois, pelos outros mecanismos de correção social, os presídios, por exemplo.

Então, a forma de escolar - o clássico - comprometido com a possibilidade da transformação social, é cara, sua demanda gasta tempo em excesso. Logo, precisa ser totalmente destruída e superada. Assim, temos visto um escolar conformista, utilitário e desigual tomar corpo, e ganhar o mercado, sendo a cada dia particularizado, se tornando acrítico das desigualdades e acentuando as diferenças entre as instituições públicas e particulares. Mesmo em cidades pequenas, por esse imenso território brasileiro, temos assistido a fechamentos de unidades públicas, e abrindo, na mesma cidade, unidades particulares, levando a cada dia a estratificação ainda mais de uma sociedade já tão desigual. Ora, o escolar se converte num negócio com cara de empresa.

Mas não qualquer negócio. Tem de ser um bem-administrado. O raciocínio neoliberal é tecnicista. Equaciona problemas sociais, políticos, econômicos como problemas de gerência adequada e eficiente ou inadequada e ineficiente. Por exemplo, ao comparar a escola pública de primeiro e segundo graus à escola particular, a retórica neoliberal diz que a qualidade da primeira é inferior à da segunda porque a administração da escola pública é ineficaz, desperdiça recursos, usa métodos atrasados. [Essa desculpa] Não leva em conta a diferença social existente entre ambas, nem a magnitude do capital econômico de cada uma. Assim, a noção de qualidade traz no bojo o tecnicismo que reduz os problemas sociais a questões administrativas, esvaziando os campos social e político do debate educacional, transformando os problemas da educação em problemas de mercado e de técnicas de gerenciamento com as novas tecnologias de informação comunicação, a educação escolar vai para o mercado, seja via financiamentos de pesquisa, marketing cultural, educacional, da mesma forma que com as técnicas de reprodutibilidade do início deste século, a arte foi e ficou no mercado (MARRACH, 1996, p. 56).

Então, o homo economicus constrói o discurso de que jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade têm a necessidade de sair do escolar para o mundo do trabalho, sob a premissa de que a “empregabilidade liberta”. Outro fato, não menos importante nesse discurso, é o da governamentalidade - ação de governar os grupos sociais - e tem levado as universidades e o escolar a se tornarem, cada vez mais, gestoras de pequenas empresas e de grandes “empresariandos”. Ora, é notório que os cursos de formação tecnológica, ou mesmo, cursos bacharéis nas áreas de ciências exatas ou biológicas, que não se ligam a áreas das Ciências Humanas, têm ganhado espaços acadêmicos em função da demanda de lucro. Nesse sentido, também se percebe uma nova forma de tecnicismo na nova BNCC - Base Nacional Curricular -, como um processo de flexibilização dos currículos, e se englobam nesta, também, a problemática da imposição do empreendedorismo ao estudante, trocando em miúdos, o homo economicus criou o estudante empresário de si mesmo. Por diante, os princípios da

meritocracia tornam-se sagrados e enfatizam a competitividade na corrida pelo ideal de “sucesso” entre os iniciados no contexto do escolar. Neste contexto, Marrach (1996) explica que

Em vez do Estado financiar diretamente a educação, passou a dar bônus aos pais dos alunos, isto é, uma quantia de dinheiro suficiente para que eles, vistos como consumidores, matriculem seus filhos numa escola de seu agrado. Os neoliberais acreditam que assim as escolas passariam a competir no mercado, melhorando a qualidade do ensino. Roberto Campos [ex-ministro do planejamento brasileiro nos anos 1964 - 67, Senador 1983 - 90 e Deputado 1991-99] declarou, recentemente, que o ideal seria aplicar à educação as determinações contidas na Constituição de 1967: ensino público gratuito no primeiro grau, ensino no segundo grau pago pelos alunos que têm condições de arcar com as mensalidades, e bolsas para os que não têm. O curso, superior deveria ser pago e aqueles que não pudessem pagar teriam bolsas que seriam devolvidas após a conclusão do curso (p. 45).

Assim, o discurso do homo economicus sobre o escolar ganha forma e se funde ao mercado, com o “compromisso com a criação de uma escola moderna, atualizada, comprometida com o mercado de trabalho, ou seja, orientada para sobreviver às novas demandas no mundo globalizado e competitivo” (ASSUNÇÃO & SOUZA, 2017, p. 54). Nas últimas décadas, na proposta do homo economicus, o escolar passa a ser visto como um potencializador, uma potência empreendedora: considerando-se a si próprio como um empreendimento. Frente a isso, o sujeito aceita a ideia de que sua eventual desgraça de exclusão é pelo fato de não ter feito o investimento certo, no tempo certo.

Para o homo economicus - no tocante ao escolar - é preciso pregar a manutenção do sujeito disciplinado, e ainda ampliar essa questão para trabalhadores capazes de respostas rápidas, que saibam atuar em grupo, porém sendo competitivos, criativos, e atendendo à alta demanda empresarial. Logo, cabe

[...] um investimento em capital humano individual que habilita as pessoas para a competição pelos empregos disponíveis. O acesso a diferentes graus de escolaridade amplia as condições de empregabilidade do indivíduo, o que, entretanto, não lhe garante emprego, pelo simples fato de que, na forma atual do desenvolvimento capitalista, não há emprego para todos: a economia pode crescer convivendo com altas taxas de desemprego e com grandes contingentes populacionais excluídos do processo (SAVIANI, 2008, p. 430).

Nesse contexto, vale inferir que os sujeitos são “educados” pelo escolar do homo economicus, e após isso, pelo próprio sistema, para a produção e excelência. Cabe, ao escolar, sendo parceira deste sistema, moldar ou favorecer esse moldar, das características do sujeito homo economicus. Assim, o escolar - e sua introdução à meritocracia - ordena, classifica, tipifica os sujeitos. E, por tal, “esse regime institui um governo pedagógico que visa otimizar saberes supostamente necessários para o

sucesso no mundo do trabalho, configurando esses neossujeitos em empreendedores e em empresários de si próprios”. (PIZOLATI, 2020, p. 523).

Mediante o compreendido, o escolar - do homo economicus - não possui mais a ideia de origem do aprender, pois essa será imposta ao próprio - e sozinho - iniciado. Laval (2019) explica que essa dinâmica funciona

no seu conjunto, sem elevar o nível dos impostos e mesmo, tanto quanto possível, reduzindo a despesa pública. Daí a colocação, na mesma época, tanto em nível mundial como em escala nacional e sobre todos os registros da atividade educativa, de todas as campanhas de opinião e de todas as políticas destinadas a direcionar o financiamento dos sistemas educativos”. Isso foi feito apelando muito mais abertamente para a despesa privada, para gerenciar mais “eficazmente” a escola, à maneira das empresas. Apelando, ainda, para a redução da cultura ensinada apenas às competências necessárias à empregabilidade dos assalariados, para o encorajamento de uma lógica de mercado na escola e da competição entre famílias e alunos para o “bem raro” e, portanto, caro, da educação (p. 12).

Cabe ao sujeito atual - iniciado - o aprender a aprender, assim, estes devem ser capazes de criar uma ordem de conceitos para melhor apreender, as quais não sabem, e então são lançados ao limbo da cultura comercializante da sociedade do consumo. Logo, se instaura uma corrente de elos iguais, isto é, a cada nível, os iniciados devem manter o mesmo objetivo - aprender a aprender - do nível básico, médio e superior com a mesma forma de escolar de auto aprendizagem. Tem que colocar os sujeitos como os únicos responsáveis pelos seus atos, conquistas, ou fracassos - desemprego - então, “a desatenção”, “a imaturidade”, são as explicações mais simples pelo insucesso escolar destes iniciados. Assim, veste a máxima inculcada pelo escolar de que: “eu quero, eu posso”. Nisto,

Os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais da educação se convertem em problemas administrativos, técnicos, de reengenharia. A escola ideal [na atualidade] deve ter gestão eficiente para competir no mercado. O aluno se transforma em consumidor do ensino, e o professor em funcionário treinado e competente para preparar seus alunos para o mercado de trabalho e para fazer pesquisas práticas e utilitárias a curto prazo (MARRACH, 1996, p. 56).

Nesse ângulo, o discurso do homo economicus, no escolar, gera um arcabouço de ideias “verdadeiras” que coloca como o sujeito deve se relacionar com o mundo. Com isso, o homo economicus pretende aumentar a eficácia da força de trabalho, sem gastar mais tempo e dinheiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos evidenciar o modelo de homem atual neoliberal - o homo economicus - e seu ideário quanto às coisas e ao mundo, nessa vertente se enquadraria o escolar. Contudo, a aparência é de que saímos com muito mais perguntas do que propriamente uma resposta definitiva para nossas indagações iniciais. Hoje, o homo economicus, e sua liberdade sisífica pensa o escolar a partir de suas óticas mercadológicas e da empregabilidade. Nisso, ele desconsidera funções políticas, de convívio, racionalidade e culturais que estão sendo deixadas de lado em prol do empreendedorismo do aprender a aprender sozinho. Se o escolar que antes bradava o grito da empregabilidade, hoje, pelos mesmos fatores que o criaram, está o levando a se emudecer, isto é, o mercadológico digital está em vias de superar o trabalho, como o entendemos hoje. Então, a culpa toda dessa conjuntura deve recair nos ombros do sujeito e na sua falta de empreender sua vida?

Em seu modelo neoliberal de escolar - que é o modal hoje - o homo economicus nos leva a questionar se realmente é esta forma de ensino é a que queremos? Se esta visão de mundo que se liga intimamente ao irracional do mercadológico é a mais adequada aos nossos, filhos e filhas, e ao futuro?

Nisto, se a esfera pública - que na escola clássica -, bem ou mal mantinha, e era fator de potência ao democrático nos iniciados, bem como a aceitação ao diferente, percebe-se no ideário do escolar do homo economicus entrou em decadência em prol das empresas e seu aprender a aprender. Logo, tem-se naturalizado este modelo - coisa que já fizemos quase por completo - de escolar e empreendedor de mão de obra barata.

Mas, esse desejo de romper com o que o escraviza - as ações diárias, trabalho, consumo - está a cada dia mais aceso pelas ações de um sonho mecanicista. Mas, ainda há vida, e enquanto ela bruxulear através de questionamentos essenciais e nos fazer perceber, que tais perguntas fazem nos responsáveis pelo crescimento da paixão pelo viver. Assim, com essa pequena luz “bruxariante”, buscamos analisar essa condição do homem moderno, conceptualizado por Foucault, e seu ideário de escolar.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Julio Groppa. **A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico.** Revista Brasileira de Educação, v. 18, p. 301-324, 2013.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo.** Boitempo editorial, 2017.

DA CONCEIÇÃO PIZOLATI, Audrei Rodrigo. **A influência do discurso neoliberal na governamentalidade pedagógica no Brasil contemporâneo.** Revista Cocar, v. 14, n. 28, p. 521-540, 2020.

DE SOUZA, Andréia Paulo; DE ASSUNÇÃO, Fernanda Lopes. **O NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO. Contemporânea Revista UniToledo: Arquitetura, Comunicação, Design, Educação e História,** v. 2, n. 1, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **Inutile de se soulever?** In: DITS ET ECRITS III. Paris: Gallimard, 1994^a

_____. **Qu'est-ce que les Lumières?** In: DITS ET ECRITS IV. Paris: Gallimard, 1994b.

_____. **Conversazione con Michel Foucault (Entretien avec Michel Foucault)** . In: DITS ET ECRITS IV. Paris: Gallimard, 1994c.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público.** Boitempo Editorial, 2019.

LEAL, Guilherme de Freitas. **O Homo Oeconomicus em Michel Foucault: a análise do ser humano como naturalmente econômico na arte liberal de governar** (Dissertação de Mestrado), Universidade de Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

MARRACH, Sonia Alem et al. Neoliberalismo e educação. **Infância, Educação e Neoliberalismo.** São Paulo: Cortez, p. 42-56, 1996.

MICHETTI, Miqueli. **A vida como projeto: a pedagogia do homo economicus e as iniciativas de fomento ao “espírito do capitalismo” via educação pública.** Ciências Sociais Unisinos, v. 55, n. 3, p. 302-314, 2019.

PEREIRA, Adriana Soares. **Metodologia da pesquisa científica** [recurso eletrônico] / [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018. 1 e-book. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-daPesquisaCientifica_final.pdf>. Acesso em: 10 dez 2020.

SAVIANI, Dermeval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira.** Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto, v. 20, p. 21-27, 2005.

SEHELLART, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979)/Michel Foucault. 2008.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar Y.; MAURÍCIO, Joseane Monteiro. **PARA UMA LEITURA FOUCAULTIANA DO HOMO OECONOMICUS**. Polymatheia-Revista de Filosofia, v. 12, n. 21, 2019.

TOMAZI, Nelson Dacio. "A escola não é uma empresa. O neo-liberalismo em ataque ao ensino público" de Christian Laval. EccoS Revista Científica, v. 7, n. 1, p. 175-177, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo; MORAES, Antônio Luiz de. **Disciplina e controle na escola: do aluno dócil ao aluno flexível**. In: Resumos do IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares. Florianópolis: UFSC, 2008. p.343-354.